

verdade, tais conceitos são um absurdo, uma impossibilidade, direi mais: uma impotencia biologica.

Veremos como, por um sistema de reações naturais e de regulação delas na consciencia, *por progressiva concatenação e disciplina da força desordenada*, se dá essa transformação da lei do mais forte na lei do mais justo; da lei desapiedada da seleção, na lei do amor. *A lei do Evangelho não é um absurdo no vosso nível biológico*, não é o que, visto de níveis mais baixos, possa parecer fraqueza e desfalecimento. Nesta fase mais alta de evolução, convencido da vida animal *pode ser um triunfador*, porque outras forças, ignoradas naquela vida, são atraídas e postas em ação. Aparece o mundo moral, que supera, vence e cinge o mundo orgânico, dominando-o e arrastando-o para esferas superiores. E a inconcebível fraqueza da bondade em todos os casos, a deposição de todas as armas — base da luta pela vida — o altruismo para com todos os seres, sobretudo para com o inimigo, se tornam um novo princípio de convivencia e de colaboração, a lei do homem que ascede a uma unidade coletiva mais alta, que se organiza em nações, sociedades, humanidade. Ainda são poucos e incompreendidos os homens que praticam (não que apenas pregam) estes princípios. Mas, crescerão em numero e a eles unicamente pertence o futuro.

Mais perfeita se manifesta a lei, á medida que as unidades menores se diferenciam e reorganizam em unidades mais vastas. Cabe ao homem transformar a natureza. Melhor direi: ele proprio é a natureza e nele a natureza se transforma. *Compete ao homem, mudando-se a si mesmo, operar a transformação da lei biológica no vosso planeta*; operar, fixando-as nas fórmas psíquicas, as criações superiores da evolução.

Tocam ao homem o dever e a gloria de responder ao grande apelo que dos céus desce ao sér mais escolhido, produto mais sublimado da vida terrestre, para que execute o labor de transformar uma natureza que desconhece a piedade em uma natureza movida pela grandiosa lei de amor, de fusão, de colaboração, de compreensão, de fraternidade.

## LXII — As origens do psiquismo.

Vimos o aspecto conceptual da fase *a*, a evolução do princípio diretivo da vida. Observemos agora o aspecto prevalecentemente dinâmico do tornar-se, em que aquele princípio se manifesta. Vimos transformar-se o princípio fundamental da luta; vejamos agora como essa transformação se exprime nas fórmas de um crescente psiquismo. As tres forças que sustentam a lei de conservação e evolução e que se manifestam nos impulsos: fome, amor e

insaciabilidade do desejo, transformam profundamente a natureza do sér, paralelamente á transformação dos principios, para que ele seja a exata expressão destes.

Se o escópo da vida é a evolução, o escópo da evolução, a sua tendencia constante, a sua realização maxima, na fase vida, é o *psiquismo*. Observemos como ele surge e se desenvolve até ás superiores fórmas humanas. Um germen de psiquismo já existe, conforme vimos, na complexa estrutura cinética dos motos vorticosos. Daqueles primeiros sintomas, ao espírito humano, se passa por sucessivas gradações de desenvolvimento, através das fórmas vegetais e animais, cujos órgãos e fórmas não são mais do que manifestações de um psiquismo progressivo.

Este crescente psiquismo, que rege todas as fórmas da vida, é um dos mais maravilhosos espetáculos que o vosso universo apresenta. Nele está a substancia da vida, substancia essa a que nos conservamos aderentes. Para nós, *vida = a*, ao passo que as suas fórmas não são senão a vestidura exterior de um psiquismo íntimo. *Evolução biológica, para nós, é evolução psíquica*. Para compreender-se a evolução dos efeitos, preciso é se compreenda a evolução da causa. Para nós, zoologia e botanica são ciencias de vida, não um elenco de cadáveres, e, se considerarmos as fórmas, só o fazemos tendo-as como expressão do conceito que as plasmou. Não as coligimos por parentela orgânica, senão até onde e enquanto esta se apresenta como indice de uma parentela mais substancial, a psíquica. Tendes reduzido a necrópolis a botanica e a zoologia, que, entretanto, são reinos palpitantes de vida, de sensibilidade, de atividade, de beleza.

Assim temos posto desde o principio o problema da vida e assim o desdobraremos até ao fim, porque só assim são racionalmente soluvels todos os problemas biológicos, psíquicos e eticos. E' absurdo imaginar-se que as fórmas da vida são, em si mesmas, fins e que careça de méta e de continuação a evolução dessas fórmas, quando um transformismo eterno as precede nas fases  $\gamma$  e  $\beta$ . E' á evolução orgânica nenhuma continuação pode ser dada, senão pela evolução psíquica, como, de facto, ocorre no homem.

O psiquismo é a mais alta méta da vida. O seu desenvolvimento constitue o resultado final do recambio, da seleção, da transformação da especie, de tanto saber, de tanta luta, de tanta tensão. Ele se fixa nos órgãos, nas fórmas, plasma-os e os anima, em todos os níveis, fazendo deles um meio para evolver ainda mais. Nas fórmas da vida, ele se revela e exprime é, observando-as, podeis remontar ao princípio psíquico, á centelha que se lhes agita no íntimo. E' toda uma fatigante, dolorosa ascensão, do protozoario ao homem e além, até aos mais altos cumes do psiquismo, onde se dá a genese do espírito. Maravilhosa, progressiva obra, em a qual a

Divindade, principio infinito, está presente sempre, num ato constante de criação.

Vimos, no estudo dos motos vorticosos, que eles contêm em germen o desenvolvimento das leis biologicas e que a intima estrutura cinetica da vida lhes permite, até pelas suas unidades primordiais, aceitar em suas órbitas impulsos vindos do exterior e conservar-lhes os traços, nas intimas alterações cineticas subsequentes. Um calculo exato de forças se encontra, pois, na base dessa capacidade de conservação dinamica, que se tornará lembrança atavica, base sobre a qual se erguerá a lei da hereditariedade. O ambiente exterior, em o qual a materia continuava a existir e a energia ainda não emergira para a vida, representava um campo de intensa atividade cinetica e, se a onda dinamica degradada havia, investindo-a intima estrutura atomica, gerado a vida, aquele ambiente, saturado de impulsos, continha e representava uma inexaurivel riqueza de impulsões aptas a se imitarem e combinarem no vortice vital.

Apenas surgida, estabeleceu-se de subito uma rede de ações e reações entre a nova individuação e as forças do ambiente, desenvolvendo-se aquela cadeia de fenomenos, sobre a qual se apoia e eleva a evolução, fenomenos que se grupam sob os nomes de assimilação, adaptação, hereditariedade, seleção. A vida, no seu mais intenso dinamismo, respondeu a todas as impressões dinamicas provenientes do mundo exterior; estabeleceu-se uma permuta de impulsões e respostas. A vida se adaptava, mas assimilava; sobretudo, recordava, se diferenciava e selecionava, o intimo principio cinetico se enriquecia e complicava, aumentando-se-lhe as capacidades de assimilação. Não é que o mais complexo nascesse automaticamente do menos complexo. Apenas os mais complexos entrelacamentos cineticos permitiam que se tornasse em ato o principio cinetico encerrado na fase potencial. Direção, escolha, memoria foram as primeiras manifestações daquele dinamismo que, desde então, assume os caracteres de psiquismo. Nasce a possibilidade de uma construção ideoplástica de órgãos e o principio cinetico, dominante do vortice intimo, plasma para si os meios específicos de recebimento das impressões do ambiente, isto é, os sentidos, infinitos, progressivos, da planta ao homem, meio de nutrir a acrecida sensibilidade, devida a uma mais veloz mobilidade intima do sér.

### LXIII — Conceito de criação.

Compreendei bem o meu pensamento quando vos falo de desenvolvimento do psiquismo até á genese do espirito, sem intervenção de força exterior, por um processo automatico. No meu sistema, a Substancia, mesmo nas suas fórmulas inferiores  $\gamma$  e  $\beta$ , en-

cerrá, em estado potencial e latente, todas as infinitas possibilidades de um desenvolvimento ilimitado. Compreendei que é absurda qualquer criação exterior e antropomorfica. Não adultereis o meu pensamento, nem tenteis introduzi-lo á força no materialismo, por quanto, se ele deste conserva a fórmula, dele imensamente se afasta, quanto á substancia, de modo a coincidir, nas conclusões, com o mais alto espiritualismo. Não digais: então a materia pensa; dizei, antes, que, na vida, a materia, tendo atingido um alto gráu de evolução, é, por intima e subita elaboração, veiculo capaz de restituir em mais vasta medida o potencial que nela se contém. E' imensamente mais científico, mais lógico e mais correspondente á realidade este conceito de uma *Divindade presente sempre e continuamente operante na profundezas das coisas*, lá onde se lhes encontra a essencia, do que o de uma Divindade que, *por ato unico, em dado momento do tempo*, á guisa de um sér humano, opéra no exterior de si mesma, de fórmula imperfeita e, ao mesmo tempo, definitiva.

O absoluto divino só no infinito existe; sua manifestação (existir = manifestar-se) não pode ter tido inicio; em sua essencia total, ele não opéra no tempo, senão no sentido de um átimo do seu eterno tornar-se, no sentido de uma particular descida ao relativo. E, neste sentido, é que se devem entender as Escrituras, que só assim são comprehensíveis. Depois, o facto, que comprovaímos, de um transformismo incessante e de uma progressiva suscetibilidade de aperfeiçoamento em todas as coisas, claramente vos fala de uma criação progressiva, entendida como progressiva manifestação do conceito divino no mundo concreto e sensorio dos efeitos. O conceito de prodigo, com o escopo de correção e de retoque, é todo ele inherente á imperfeição e relatividade humanas; não pode apliar-se ao Absoluto e á Divindade.

A perfeição da lei não é passível de alterar-se para espetáculo humano. O milagre, entendido como violação e refazimento de leis, não prova poder; é um absurdo, que somente na ignorância humana pode existir. Não tomeis esta concessão feita á vossa fraqueza, como base da apologetica das religiões, pois, com semelhante contrasenso, apoucais a fé, em vez de reforça-la.

Vêde que tudo o que existe provém de um principio que atua sempre, não do exterior para o interior, mas *do interior para o exterior*, e que se encontra oculto no misterio do sér, apresentando-se este como manifestação e expressão desse principio. Igualmente antropomorfica é a *idéia do nada*, inadmissível no absoluto. Como podem, senão no relativo, existir zonas exteriores, ou zonas de vácuo? O facto, que verificais, da indestrutibilidade e eternidade da substancia, vos demonstra o absurdo desse nada, que não passa de uma pseudo-idéia. Deus é o absoluto e, como tal, não pode ter contrários, nem pontos exteriores, nenhuma das características do